

CIÊNCIAS DA SAÚDE: ATUALIZAÇÃO DE ÁREA

JANEIRO E
FEVEREIRO
DE 2023



LIVROS ACADÊMICOS
NÚCLEO DO CONHECIMENTO

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/1605

C569c

Ciências da Saúde: Atualização de Área - janeiro e fevereiro de 2023 [recurso eletrônico] / Organizadores Carla Viana Dendasck, [et al.]. – 1.ed. -- São Paulo: CPDT, 2023.

Vários autores

Formato: ePUB

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-85442-03-9

1. Ciências da Saúde 2. Atualização de Área 3. I. Dendasck, Carla Viana.

CDD: 610

CDU: 61

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2076

EDITORAL

Diretor-Presidente

Profa. Dra. Carla Viana Dendasck

Organizadores

Carla Viana Dendasck

Anísio Francisco Soares

Cláudio Alberto Gellis de Mattos Dias

Débora Teixeira da Cruz

Marcia Rodrigues Dos Santos

Denilson Carlos Ferreira Lopes

Sabryna Brito Oliveira

Enrico Jardim Clemente Santos

Izael Oliveira Silva

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Fernanda Vicioni Marques

Paulo Cesar Gonçalves de Azevedo Filho

Darlan Tavares dos Santos

Mesa Editorial

Alfredo Cesar Antunes

Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

Anísio Francisco Soares

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Antonio Luiz da Silva

Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência –
FUNAD e Instituto dos Cegos da Paraíba – ICPAC – Adalgisa Cunha

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Claudio Alberto Gellis de Mattos Dias

Instituto Federal do Amapá – IFAP

Daniela da Silva Santos

Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Darlan Tavares dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Debora Teixeira da Cruz

Centro Universitário Unigran Capital – Campo Grande – MS

Denilson Carlos Ferreira Lopes

Academia da Força Aérea

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Eliane Silva e Silva

Fundação Centro de Hemoterapia e Hematologia do Estado do Pará –
Hemopa e Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC/PA

Elisandra Villela Gasparetto Sé

Empresa Almagora do Brasil e Grupo de Pesquisa COGITES do
Laboratório de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem
da UNICAMP

Enrico Jardim Clemente Santos

CELLTROVET

Fabio Peron Carballo

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade
Divinópolis

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Fabio Rodrigo Ferreira Gomes

Centro Universitário Ítalo brasileiro e Universidade Municipal de São
Caetano do Sul – USCS

Felipe Camargo Munhoz

Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – ITPAC

Fernanda Ribeiro Martins

Faculdade UNIS São Lourenço mantida pela Fundação de Ensino e
Pesquisa do Sul de Minas – FEPESMIG

Fernanda Vicioni Marques

Universidade de São Paulo, Faculdade de Odontologia de Ribeirão
Preto – FORP/USP

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Givanildo de Oliveira Santos

Secretaria Estadual de Educação do estado de Goiás, Instituto de Capacitação Profissional – ICPsCursos e Centro Universitário UniMauá

Guilherme de Andrade Ruela

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF – Campus Avançado Governador Valadares e Faculdade Presidente Antônio Carlos de Governador Valadares

Inez Silva de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Izael Oliveira Silva

Centro Educacional Pesquisa Robótica e Inovação-CEPRI/SEMED de São Miguel dos Campos/AL e Secretaria Estadual de Educação de Alagoas SEDUC/AL 2º GERE

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

João Carlos Moreno de Azevedo

Universidade Veiga de Almeida-RJ – UVA

João Italo Fortaleza de Melo

Universidad San Sebastián – San Lorenzo – Paraguai – UASS

José Aderval Aragão

Universidade Federal de Sergipe – UFS

José Felipe Costa da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Juliana Mara Flores Bicalho

Faculdade UNA

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Luiza Rayanna Amorim de Lima

Universidade de Pernambuco – UPE

Marcia Rodrigues dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, RJ

Maria do Rosário de Fátima Brandão de Amorim

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Maria Luzinete Alves Vanzeler

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) – Departamento de Ciências Básicas em Saúde (DCBS) – Faculdade de Medicina (FM)

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Marina de Oliveira Cardoso Macedo

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia. Programa de Engenharia de Materiais – Teresina e Universidade Estadual do Maranhão – Anexo de Saúde – Caxias -MA

Marina Matos de Moura Faíco

Centro universitário de Caratinga – UNEC e Fundação Educacional de Caratinga – FUNEC

Paulo Cesar Gonçalves de Azevedo Filho

Instituto Federal do Maranhão – IFMA

Patrick Rodrigues Fleury Cabral

Universidade de Cuiabá – UNIC

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

Renato Araujo da Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Rosane de Fatima Zanirato Lizarelli

Instituto de Física de São Carlos – USP

Sabryna Brito Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Assistentes

Sara Stefanie de Oliveira

Ayla Beatriz Viana Lino Dendasck

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2087

SUMÁRIO

1. ATUALIZAÇÃO EM EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DE PROTOCOLOS FISIOTERÁPICOS PARA O TRATAMENTO DO TORCICOLO CONGÊNITO

*Fernanda Ribeiro Marins
Marcelo Limborço-Filho*

2. O ESTADO DA ARTE DA BIOFOTÔNICA

*Adriana Schapochnik
Karina Alexandra Batista da Silva Freitas
Karina Jullienne de Oliveira Souza
Rosimeire Fernandes da Matta
Sandra Batista da Costa
Rosane de Fátima Zanirato Lizarelli*

3. MALOCCLUSÃO UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA

*Priscila Pinto Brandão de Araújo
Carlos Eduarde Bezerra Pascoal
Diana Aparecida Athayde Fernandes
Fabiane Louly Baptista Santos Silva*

4. A TOXINA BOTULÍNICA TIPO A NO TRATAMENTO DAS LINHAS FACIAIS HIPERCINÉTICAS

Vicente Alberto Lima Bessa

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2090

5. REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS PSICO-SOCIAIS DA SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA ADQUIRIDA NA VIDA DOS PACIENTES

*Pedro Henrique Tostes Braga
Maria Bernardina Cupertino
Denise Monteiro da Silva
Sabryna Brito Oliveira*

6. PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE SÍFILIS GESTACIONAL E SÍFILIS CONGÊNITA NO PERÍODO DE 2017 A 2021 NO ESTADO DE SÃO PAULO

*Stefane Santos de Jesus Pitanga
Larissa Santos Machado
Larissa Da Hora de Souza
Márcia Rodrigues dos Santos*

7. MODULAÇÃO ESTROGÊNICA DA DOR RELACIONADA À ENDOMÉTRIO

Marina Matos de Moura Faíco

8. CARACTERÍSTICAS DE PACIENTES OBSTÉTRICAS ADMITIDAS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

*Patrícia Saraiva Araújo
Priscila Ferreira Saraiva
Gilson Rogerio Becil de Oliveira
Jiovania Barbosa Maklouf de Oliveira*

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2090

9. USO DO ANIS ESTRELADO COMO ANALGÉSICO E NOS TRANSTORNOS GÁSTRICOS EM ADULTOS E CRIANÇAS

Maríllice Winckler de Oliveira
Larissa Alves de Oliveira
João Ítalo Fortaleza de Melo

10. HÉRNIA DIAFRAGMÁTICA CONGÊNITA: UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA

José Aderval Aragão
Matheus Jhonnata Santos Mota
Victor Petersen Dantas Moreno
Iapunira Catarina Sant'Anna Aragão
Felipe Matheus Sant'Anna Aragão
Bárbara Costa Lourenço
Vera Lúcia Correa Feitosa
Francisco Prado Reis

11. SÍNDROME DE BURNOUT: SINTOMAS, MÉTODOS DIAGNÓSTICOS, ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E TRATAMENTOS

Maria Luzinete Alves Vanzeler
Laís Santana Gonçalves

12. UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LIDERANÇA EM ENFERMAGEM NO BRASIL

Marcia Rodrigues Dos Santos
Carla Ferreira Rodrigues Dias Barros
Luciana Pinheiro Barbosa da Silva

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2090

APRESENTAÇÃO

“Lembre-se que as pessoas podem tirar tudo de você, menos o seu conhecimento”. Iniciando com essa afirmação de Albert Einstein, convidamos a todos para expandir o próprio e levar ao colega um pouco mais desse bem tão precioso.

A Revista Núcleo do Conhecimento, por meio da Mesa Editorial Ciências da Saúde, permite que leigos, estudantes e profissionais tenham contato com o que há de mais recente em desenvolvimento de conhecimento científico nacional. As mentes que estão por trás de cada capítulo podem não serem reconhecidas na rua, e aqui cabe a nossa missão, expor ao país as pesquisas em desenvolvimento, para benefício maior sempre de nossa sociedade, e desenvolvimento como nação.

Dessa forma, nossa equipe trabalha arduamente para trazer a você, leitor, nosso compromisso com a expansão do conhecimento, para que isso se torne uma cultura frente a demais outras, atualizando-se com fontes de conhecimento confiáveis.

A leitura desse conteúdo contribui para o aprimoramento de seu capital intelectual, que são as informações e experiências obtidas por toda a vida por cada indivíduo. Então, aperte as fivelas da poltrona e aproveite o voo no conhecimento.

Com carinho e sabedoria, Profa.

Dra. Fernanda Vicioni Marques.

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2092

<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/livros/ciencias-da-saude/ciencias-da-saude-jan-fev-2023>

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/2092

9. USO DO ANIS ESTRELADO COMO ANALGÉSICO E NOS TRANSTORNOS GÁSTRICOS EM ADULTOS E CRIANÇAS

Marílce Winckler de Oliveira ¹

Larissa Alves de Oliveira ²

João Italo Fortaleza de Melo ³

DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/livros/1764

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais é uma prática comum nas sociedades, tanto nas regiões mais pobres do país quanto nas grandes cidades, e o conhecimento tradicional sobre o uso de várias plantas é vasto e tem sido transmitido desde civilizações antigas. Existem provavelmente cerca de 250.000 espécies de plantas no mundo, das quais apenas cerca de 15% são conhecidas por sua atividade biológica, e um total de 25.000 espécies são consideradas medicinais (ALVES, 2004). O homem usou plantas para alimentos, entretenimento e fins medicinais, aprendendo primeiro com o comportamento animal e, em seguida, através de seus próprios instintos, criando um método de tentativa e erro. Hoje, a medicina fez grandes progressos no diagnóstico e tratamento de muitas doenças, e novos remédios à base

de plantas para doenças crônicas estão sendo pesquisados e desenvolvidos (BAPTISTEL *et al.*, 2014).

A medicina típica e obsoleta, insiste e ignora o uso de plantas medicinais, não é possível permanecer regido pela lógica da medicalização extrema. Hoje domina a cultura de que precisamos de receitas para tudo, focadas muito mais na obediência do consumo do que na melhoria, de fato, de quem as utiliza. Você tem que mudar a rota, abrir a cabeça. Pense no futuro sem esquecer o passado. Ao pensar e até mesmo reconhecer a falta de acesso a essas drogas, fica claro que comprimidos sintéticos, pomadas e anti-inflamatórios não estão dando conta de tanto sofrimento (JOLIVI, 2020). O uso crônico de medicamentos semelhantes a doces e a maneira como isso acontece hoje, traz muito mais riscos do que benefícios. Segundo levantamento da Fundação Oswaldo Cruz, 40% dos casos de intoxicação no país são causados por medicamentos. O percentual é maior do que o trazido por drogas ilícitas, pesticidas, inseticidas e venenos. Mesmo assim, se usarmos a internet para buscar informações, vemos que quase não há campanhas pelo uso consciente e prescrição desses medicamentos (JOLIVI, 2020). O acúmulo de informações e experiências ancestrais sobre o nosso ambiente, interagindo com ele e atendendo às suas necessidades de sobrevivência humana. As plantas sempre desempenharam um papel fundamental em muitas práticas da cultura popular por diversos motivos, e se destacam por seu potencial terapêutico, que é transmitido de geração em geração. No alvorecer da civilização, a assistência à saúde era desenvolvida por mulheres cujos conhecimentos eram adquiridos no seio da família,

independentemente do prestígio ou do poder social. Assim, desenvolveu-se uma estreita relação entre mulheres e plantas, uma vez que seu uso foi o principal recurso terapêutico para tratar a saúde das pessoas e de suas famílias (ISERHARD *et al.*, 2009). Vários fatores estão atualmente impulsionando o aumento do uso de plantas como recursos medicinais, incluindo o alto custo da medicina industrial, o fraco acesso a cuidados médicos e a tendência para produtos naturais (ALVES, 2004). Acredita-se que o cuidado realizado por meio de plantas medicinais é favorável à saúde humana, desde que o usuário tenha conhecimento prévio de sua finalidade, riscos e benefícios. Além disso, o profissional de saúde, especialmente o enfermeiro, deve considerar tal recurso de origem popular em sua prática assistencial, permitindo um cuidado singular, centrado em crenças, valores e estilo de vida de cuidado (ISERHARD *et al.*, 2009; BADKE *et al.*, 2012).

A adição a este tipo de farmacoterapia deve-se ao menor número de efeitos adversos/colaterais e à facilidade de acesso barato, em comparação com as drogas sintéticas. Dados sobre o mercado de ervas no Brasil mostram uma redução significativa no registro desses produtos em 72% entre 2009 e 2015, indicando que o mercado nacional está aquecido (FREIRE *et al.*, 2011). O caminho percorrido por uma tecnologia desde a sua gênese (protótipo) até à sua chegada ao mercado, *divide-se* em três fases: invenção (criação da técnica ou produto), inovação (novidade da criação ou melhoria de uma criação já existente no mercado) e disseminação (adesão à invenção num determinado período) (FREIRE *et al.*, 2011).

No caso de uma inovação farmacêutica, isso ocorre devido a: alteração das propriedades do composto, como a estrutura química do Ingrediente Ativo (IA) da forma farmacêutica, sendo o composto capaz de apresentar novas propriedades, que não podem necessariamente ser pioneiras no mercado, farmacológicas ou farmacodinâmicas, entendidas como um princípio ativo que apresenta um novo alvo terapêutico ou que apresenta menos efeitos colaterais em relação a um composto existente que atua sobre o mesmo objetivo (ARONSON, 2008). O mercado atual de medicamentos equivale a cerca de 1,1 trilhão de dólares americanos, dos quais 35% têm como fonte direta ou indireta derivados de produtos naturais. Desse percentual, a maioria (25%) corresponde ao uso de plantas. Esses recursos, além de serem utilizados para a descoberta e desenvolvimento de drogas sintéticas, são utilizados como matéria-prima para novos medicamentos e fitofármacos (AKKARI *et al.*, 2016).

ANIS ESTRELADO

O anis estrelado tem o nome científico de *Illicium verum* Hooker. Sua sinonímia científica é *Illicium anisatum*, *Illicium san-ki perr*. Seu nome popular pode ser diferente nas mais diversas regiões: Anis-sibéria, Anis-verdadeiro, Badiana, Badiana-del-olor, funcho-de-la-china, és de la familia Iliciaceas. A parte utilizada é o seu fruto (**Figura 1**). Sua composição química é um óleo essencial (2,5-8,5%),

o principal componente é o transanetol (80-90%). Outros componentes minoritários são cis-aetol, 1-terpineol, limoneno (5%), taninos, resina, saponina, pentosanos (SILVA *et al.*, 2020).

É uma árvore perene (**Figura 2**) de até 10 metros de altura com casca branca que se abre em tiras. As folhas têm 7,5 cm de comprimento, com bordas inteiras, lanceoladas brilhantes, elípticas. Folículos estrelados de 2 cm de diâmetro com 8 carpelos simbióticos que se abrem quando maduros e contêm sementes marrons, lisas e brilhantes. Aroma e sabor forte, doce e picante. Indicações e ação farmacológica, tem efeitos anticonvulsivantes, antimicrobianos, antifúngicos, assépticos, antitússigenos, flatulentos, diuréticos e anti-inflamatórios. Anis estrelado é um remédio comprovado para tosse e antiespasmódico digestivo. O óleo essencial (OE) e os flavonoides afetam os músculos lisos do trato digestivo e do trato respiratório (SILVA *et al.*, 2020).

Existem diversas atribuições terapêuticas de seu uso que vão desde o *medicamento in natura*, pó e óleo OE, reconhecidos por diversas farmacopeias como chinesa e brasileira, por exemplo. Na forma de infusão (chá medicinal), é mencionado como antipirético, no alívio da dor e cólicas, em casos de vômitos e dor na região lombar e reumatismo. As sementes são ingeridas após as refeições para melhorar a digestão. A partir dos chás em pó também são feitos para tratar colapsos nervosos, insônia e como um sedativo (SILVA *et al.*, 2020).

Figura 1 – é possível visualizar as duas espécies mais conhecidas de anis estrelado, sendo elas também as mais disponíveis



Fonte: Cuenca et al. (2019).

Figura 2 – Árvore que produz flores brancas, que são colhidas e secas e depois utilizadas



Fonte: Illicium verum Photo - Royalty Free Stock Image.

USO TRADICIONAL DE ANIS ESTRELADO

1. verum tem uma longa história como planta medicinal em países asiáticos, especialmente na China (LIU *et al.*, 2009). A Farmacopeia Chinesa (edição de 2010) declarou as propriedades dos frutos do Anis Estrelado (nome chinês Bajiaohuixiang) como aquecimento e dissipação do frio, e regulando o fluxo sanguíneo para aliviar a dor ou resfriado comum. As indicações clínicas incluem cólicas abdominais, vômitos, dor abdominal e lombar. Frutas cruas ou seus pós também foram usados em chás tradicionais para tratar nervosismo e insônia e como um sedativo. Cresce quase exclusivamente na área sudoeste da China, e a Lista de Plantas Medicinais de Yunnan descreveu o uso medicinal dos frutos e folhas das espécies de *Illicium* para o tratamento da êmese e da dor (LIU *et al.*, 2009). Enquanto isso, o OE destilado (nome chinês Bajiaohuixiangyou) dos frutos de *I. verum* foi usado principalmente para o tratamento de dores de estômago em 0,06 – 0,6 mL/dia. Estudos sugeriram outros usos, nomeadamente que o óleo poderia ser um antídoto para uma série de venenos e é usado para tratar o reumatismo. O Índice Guangxi de Ervas Medicinais, Flora e Flora Guangxi da China incluiu o uso da raiz ou casca do caule de outras espécies de *Illicium* como *I. henryi*, *I. jiadifengpi* para o alívio da dor articular e lombar (FLORA OF GUANGXI,

1991). Além disso, a casca do caule seco de *I. difengpi* (nome chinês *Difengpi*) também foi incluída na Farmacopeia Chinesa, com a ação de aliviar dores reumáticas e resfriados. Isso significa que ele pode ser usado clinicamente para dores reumáticas e dor na cintura. No Japão, o uso medicinal do anis estrelado não é tão popular no sistema tradicional japonês de ervas medicinais (*Kampo*). A farmacopeia japonesa inclui apenas óleo de anis estrelado em *oleum foeniculi* (óleo de erva-doce) (MINISTRY OF HEALTH, 2006).

O OE é usado para remédios carminativos e estomacais. Na Índia, Ilyas (1980) relatou o uso de anis estrelado. Os frutos de anis estrelado são mastigados para alívio estomacal e carminativa. Na Indonésia, o Índice de Fitoterapia descreve os usos medicinais de *I. verum* para o tratamento da insônia e em aplicações externas após o parto (EISAI, 1995). Um dicionário de produtos econômicos na Malásia descreveu drogas com usos semelhantes (*A DICTIONARY OF THE ECONOMIC PRODUCTS OF THE MALAY PENINSULA*, 1936). No México e nos Estados Unidos, o uso mais comum é aliviar cólicas infantis e dores de estômago (CANO e VOLPATO, 2004).

INTOXICAÇÃO POR ANIS ESTRELADO

Desde a sua introdução em alguns países, como a Espanha, tem sido usado, especialmente para tratar cólicas de bebês. Tem um efeito antiespasmódico que dá a estas plantas propriedades

carminativas e propriedades expectorantes. No entanto, pode ser tóxico, em altas concentrações, particularmente no sistema nervoso. Além disso, *I. verum* contém sesquiterpenos neurotóxicos chamados veranisatina A, B e C. Uma terceira variedade de anis pode ser confundida com anis estrelado devido à sua semelhança visual é o fruto de *Illicium anisatum* L. (*I. Anisatum*), conhecido como anis estrelado japonês, é praticamente indistinguível do anis estrelado, mas contém anisatinas, que são muito mais tóxicas do que as veranisatinas encontradas em *I. verum*. As anisatinas atuam como antagonistas não competitivos dos receptores GABA, que inibem a função inibitória dos neurotransmissores e, assim, aumentam a excitabilidade nervosa, causando convulsões (CUENCA *et al.*, 2019).

Apesar de sua longa história de uso, os casos de envenenamento continuam com manifestações neurológicas e gastrointestinais, especialmente em bebês com menos de 3 meses. O principal ingrediente do anis estrelado e do anis verde, o anetol, que também lhes dá seu sabor e aroma distintos, pode ter efeitos neurológicos negativos. Entre Outubro de 2001 e Maio de 2002, o anis estrelado foi retirado do mercado espanhol e as vendas deste produto foram sujeitas a uma regulamentação mais rigorosa em resultado da notificação de numerosos casos de sintomas neurológicos relacionados com o consumo de anis estrelado na rede nacional de hospitais espanhóis (PACHECO *et al.*, 2016).

A também foi publicado pela Food Drug Administration. (FDA). após o registro nos EUA, um aviso de segurança, após 40

episódios de toxicidade do anis estrelado, 15 dos quais envolveram crianças.

Acredita-se que o anis estrelado, embora possa causar neurotoxicidade acima da dose máxima recomendada (uma estrela por 200 cc)² ou se fervido por um longo período de tempo, resultando em concentrações mais altas, *I. verum*) seja seguro devido ao seu baixo teor de veranistina. No entanto, a maioria dos casos de envenenamento é causada pela contaminação com o fruto de *I. anisatum*. Devido à dificuldade de diferenciar essas espécies, as crianças não devem receber anis estrelado. Devemos perguntar sobre o uso em todas as crianças que apresentam sintomas digestivos ou neurológicos súbitos sem causa conhecida (WANG *et al.*, 2011).

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

¹ Marílice Winckler de Oliveira
Médica. ORCID: 0000-0003-0956-8586.

² Larissa Alves de Oliveira
Médica. ORCID: 0009-0006-9670-3748.

³ João Italo Fortaleza de Melo
Doutor em Ciências. ORCID: 0000-0002-7384-9502. Currículo Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/3077295114011513>.

REFERÊNCIAS

ALVES C. **Conhecimento Popular E Uso De Plantas Medicinais No Município De Cuité / Pb Para O Tratamento De Doenças.** 2004.

A DICTIONARY OF THE ECONOMIC PRODUCTS OF THE MALAY PENINSULA. **Nature.** 1936;137: 255–255. doi:10.1038/137255c0

ARONSON JK. Something new every day: Defining innovation and innovativeness in drug therapy. **J Ambul Care Manage.** 2008;31: 65–68. doi:10.1097/01.JAC.0000304100.38120.b2.

AKKARI ACS, MUNHOZ IP, TOMIOKA J, DOS SANTOS NMBF, DOS SANTOS RF. Inovação tecnológica na indústria farmacêutica: Diferenças entre a Europa, os EUA e os países farmaemergentes. **Gest e Prod.** 2016;23: 365–380. doi:10.1590/0104-530X2150-15

BAPTISTEL AC, COUTINHO JMCP, LINS NETO EMF, MONTEIRO JM. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: Um enfoque etnobotânico. **Rev Bras Plantas Med.** 2014;16: 406–425. doi:10.1590/1983-084X/12_137.

BADKE MR, BUDÓ M DE LD, ALVIM NAT, ZANETTI GD, HEISLER EV. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto Context – Enferm.** 2012;21: 363–370. doi:10.1590/s0104-07072012000200014.

CALIXTO JB. The role of natural products in modern drug discovery. **An Acad Bras Cienc.** 2019;91: 1–7. doi:10.1590/0001-3765201920190105

Uso do anis estrelado como analgésico e nos transtornos gástricos em adultos e crianças

CUENCA MC, AGRASOT MÁC, PEGUEROLES CM, CANTÓ VE. **New cases of star anise poisoning : are we providing enough information ?** Persisten las intoxicaciones por anís estrellado , ¿ estamos dando la suficiente. *Neurol (English Ed.* 2019;34: 211–213.

CANO JH, VOLPATO G. Herbal mixtures in the traditional medicine of Eastern Cuba. *J Ethnopharmacol.* 2004;90: 293–316. doi:10.1016/j.jep.2003.10.012

DWIVEDY AK, SINGH VK, PRAKASH B, DUBEY NK. Nanoencapsulated *Illicium verum* Hook.f. essential oil as an effective novel plant-based preservative against aflatoxin B1 production and free radical generation. **Food Chem Toxicol.** 2018;111: 102–113. doi:10.1016/j.fct.2017.11.007

EISAI. **Medicinal herb index in Indonesia:** indek tumbuh-tumbuhan obat di Indonesia. 1995.

FREIRE JM, CARDOSO MG, BATISTA LR, ANDRADE MA. Óleos essenciais de *Origanum majorana* L., *Illicium verum* Hook. f. e *Cinnamomum zeylanicum* Blume: Caracterização química e antimicrobiana. **Rev Bras Plantas Med.** 2011;13: 209–214. doi:10.1590/S1516-05722011000200013.

GUANGXI-Zhiwu-Yanjiusuo Nanning. *Guang xi zhi wu zhi Di 6 juan, Jue lei zhi wu.*

HASENCLEVER L, PARANHOS J, COSTA CR, CUNHA G, VIEIRA D. The Brazilian phytotherapics industry: Challenges and opportunities. **Cienc e Saude Coletiva.** 2017;22: 2559–2569. doi:10.1590/1413-81232017228.29422016

ISERHARD ARM, BUDÓ M de LD, NEVES ET, BADKE MR. Práticas culturais de cuidados de mulheres mães de recém-nascidos de risco do sul do Brasil. **Esc Anna Nery.** 2009;13: 116–122. doi:10.1590/s1414-81452009000100016.

Uso do anis estrelado como analgésico e nos transtornos gástricos em adultos e crianças

ILYAS M. **Spices in India**: III. Econ Bot. 1980;34: 236–259. doi:10.1007/BF02858643

Illicium verum Photo – Royalty Free Stock Image.

JOLIVI. **De A a Z**: A Enciclopédia das Plantas Medicinais. 2020.

LIU Y, DAO Z, YANG C, LIU Y, LONG C. Medicinal plants used by Tibetans in Shangri-la, Yunnan, China. **J Ethnobiol Ethnomed**. 2009;5: 15. doi:10.1186/1746-4269-5-15

MINISTRY OF HEALTH, Labor and W, Tokyo. Committee of the Japanese Pharmacopoeia Evaluation and Licensing Division, Pharmaceuticals and Medical Safety Bureau. **The Japanese Pharmacopoeia**. 2006; 104–106, 2418–2421.

PACHECO PO, MARTÍNEZ-MARTÍNEZ PL, PÉREZ Y, BAZÁN DE, LUIS J, MOTA D. **Fallo hepático por intoxicación con producto casero elaborado con anís estrelado y anís verde en lactante de 4 meses**. 2016;108: 819–821. doi:10.17235/reed.2016.3964/2015

RANGEL M, BRAGANÇA FCR. Representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais. **Rev Bras Plantas Med**. 2009;11: 100–109. doi:10.1590/s1516-05722009000100016.

SILVA RAS, CALUMBY RJN, SANTOS IKS, SILVA SAS, NASCIMENTO TG, ALMEIDA LM, et al. Prospecção tecnológica do potencial antibacteriano e antifúngico do anis-estrelado (*Illicium verum* Hook f.). **Rev Humanidades Inovação**. 2020;7: 328–338.

WANG GW, HU WT, HUANG BK, QIN LP. *illicium verum*: A review on its botany, traditional use, chemistry and pharmacology. **J Ethnopharmacol**. 2011;136: 10–20. doi:10.1016/j.jep.2011.04.051